

BYTE E O GRANDE LIVRO DAS INVENÇÕES

romance · Raphael Martinez

Amostra de leitura — abertura, prólogo e capítulo 1

Raphael Martinez · rmpsan@gmail.com · (11) 97627-1023 · São Paulo/SP

Antes de tudo, uma promessa.

Mais para a frente desta história existe uma coisa de lata. Não é gente, não é bicho, não é brinquedo, e mesmo assim a gente vai gostar dela mais do que de muita gente, muito bicho e quase todo brinquedo que já passou pela nossa vida. Tem o tamanho de uma criança. Anda sobre duas rodas tortas que rangem quando esquecem o óleo. No lugar onde uma pessoa teria coração, gira um discozinho velho, redondo, que era de um homem que esta história ainda nem apresentou. E no peito, atrás de um vidro, mora uma luz que muda de cor conforme

o que a coisa está sentindo — porque ela vai sentir, e essa é a parte difícil, a coisa mais difícil que existe, a única que ninguém consegue ensinar a ninguém: ela vai aprender a gostar da gente, e a gente dela.

Tem dois olhos que acendem no escuro.

E não tem braços. Nenhum. No lugar deles, dois cabos soltos pendurados, que balançam à toa e não pegam em nada. A coisa vai descobrir isso sozinha, num susto, e vai ficar profunda e comicamente indignada com a falta pelo resto do livro — sem nunca poder reclamar com palavras, porque palavras ela ainda não tem. Vai nascer de uma explosão e de um menino que só queria salvar quem amava, e vai dar errado de um jeito que deu certo demais.

Mas para essa coisa de lata existir, primeiro alguém precisa correr no escuro com um livro contra o peito. E para isso a gente tem de voltar muito atrás. Sessenta e sete anos atrás, para ser exato — a uma montanha, a uma noite de guerra por dentro da pedra, a um menino da idade errada para morrer.

Vamos.

Prólogo — O menino que correu no escuro

O ar não enchia.

Entrava pela boca e parava no meio, raso, espesso de fumaça e de pedra moída, e o peito do menino subia e descia depressa demais sem nunca se encher de verdade. A garganta ardia. O coração batia tão alto dentro das orelhas que abafava os tiros, e os tiros eram muitos. Os pés achavam o dormente, perdiam o dormente, achavam de novo o cascalho entre os trilhos. E cada vez que erravam o passo o estômago dava aquele tranco de quem pisa num degrau que não existe.

Não cair. Não largar. Não parar.

Severino corria. Quinze anos, a cabeça baixa, os pés cegos, e cada passada uma aposta contra a pedra que ele não via. A serra inteira tremia em cima dele, surda, como um animal grande revirando-se no sono. De quando em quando o chão socava por baixo, um soco fundo que subia pela canela e batia no peito por dentro. Ele não parava para entender. Tinha aprendido, naquelas semanas, que entender é luxo de quem está vivo amanhã.

Era um túnel. Quase um quilômetro de pedra e tijolo escavado por dentro da montanha ainda no tempo do Imperador, reto como um cano, escuro como o fundo de um poço — e Dom Pedro II tinha vindo cortar a fita, meio século antes, com a família e os retratos, achando tudo muito moderno. Tempo bastante para um lugar mudar de assunto. Porque em julho de 1932 ninguém atravessava aquele túnel para chegar a lugar nenhum. Atravessava para morrer, ou para não morrer, que naquelas semanas era a mesma corrida com dois nomes.

Um soco mais fundo subiu pelo chão e Severino perdeu o passo, achou o trilho, seguiu. De um lado da montanha, os paulistas. Do outro, as tropas do governo. E o túnel no meio, a pior trincheira do mundo, um corredor sem saída onde o tiro de um homem voltava multiplicado pelas paredes, como se a própria pedra atirasse de volta. Dias se matando por um punhado de metros de breu, o chão tomado de morto em morto, perdido de noite o que se tomava de dia. Brasileiro contra brasileiro, numa guerra que o país, mais tarde, ia preferir fingir que não tinha acontecido.

Mas isso é muito depois. Naquela noite a guerra estava viva, e tinha cheiro: pólvora, terra molhada, e por baixo de tudo um cheiro doce e errado que é melhor a gente não nomear. Severino aprendera a reconhecê-lo sem nunca ter pedido para aprender. Lá fora, no alto, o céu andava cheio de aviões — coisa nova, coisa que os mais velhos olhavam de boca aberta sem saber se rezavam ou se corriam. O corpo cumpria sozinho, sem precisar dele para nada além de querer.

Apertava uma coisa contra o peito.

Era um livro. De capa de couro grossa, gasta nas quinas, do tamanho de um catecismo de igreja mas pesado de um jeito que livro nenhum tem direito de ser. Severino o segurava com os dois braços cruzados por cima, encolhido sobre ele, fazendo do próprio corpo um telhado. Se uma bala viesse, que viesse nele primeiro. Foi o que lhe pediram. Não com essas palavras, que não houve tempo de palavras, mas foi o que ele entendeu das mãos do homem que lhe entregou aquilo, mãos que tremiam não de medo, parecia, mas de pressa, de chegar ao fim de alguma coisa começada havia muito.

Leva. Não deixa pegarem. Não abre.

Foi a última coisa que lhe pediram, e o menino ia cumprir, porque era a única coisa que ainda dependia dele, e quando tudo o mais fuge das mãos a gente se agarra ao que sobra com uma força que nem sabia ter.

Não pense que Severino entendia o que carregava. Não entendia. Tinha visto, de relance, à luz de um fósforo, as duas letras gravadas a ferro na capa, duas letras só, fundas como cicatriz. E por dentro dezenas de páginas cobertas de desenhos que pareciam vir de

outro mundo: máquinas que não existiam, pássaros que eram máquinas, máquinas que eram pássaros, escritas em mãos diferentes, tintas diferentes, como se muita gente tivesse escrito aquilo ao longo de muito tempo, e cada um tivesse passado a vez para o seguinte sem nunca terminar. Severino não sabia o nome daquilo. Sabia que era importante de um jeito que ultrapassava a sua pequena vida de quinze anos, e que, se era importante o bastante para um homem morrer entregando, era importante o bastante para um menino morrer carregando.

Corria.

Um clarão entrou pela boca do túnel lá atrás, branco e instantâneo, e por meio segundo o corredor inteiro se acendeu. Severino viu. Viu o teto baixo, as traves, a água escorrendo preta pela parede. E viu, à altura dos seus olhos, na pedra rebocada, os buracos. Dezenas deles. Redondos, irregulares, fundos, abertos a tiro e a estilhaço naquelas mesmas semanas, ainda com a borda viva. A parede toda picada como rosto de bexiguento. Ele passou a mão num, sem querer, na corrida, e o dedo afundou no frio do buraco. O clarão morreu, e o escuro voltou inteiro, e ele continuou correndo com a marca daquela parede gravada por dentro dos olhos.

Aqueles buracos não iam embora. Não na vida dele, não na de muita gente. Ainda hoje, se você for até lá (e dá para ir; o túnel continua no lugar, a serra também), você passa o dedo na parede e acha os mesmos buracos, frios, esperando. A pedra guarda. É a única coisa que a pedra sabe fazer, e faz para sempre.

Severino corria, e enquanto corria deixava uma frase girar na cabeça, dessas que a gente repete não para entender mas para não pensar em mais nada. O homem das mãos trêmulas tinha dito mais uma coisa, antes do *leva, não abre*. Tinha dito, com um fiapo de voz, quase rindo de um riso que não tinha graça nenhuma: que aquele livro vinha de longe. De muito longe. Que havia uma vez um inventor, lá no litoral, num casarão de janelas para o mar, um velho que tinha passado a vida sonhando máquinas para aproximar os homens. Para fazer gente voar, dizia ele, não para ser pássaro, mas para chegar mais perto um do outro, do outro lado do mundo, num dia só. E que esse velho, já doente, já no fim, tinha olhado pela janela uma manhã e visto o céu cheio das máquinas que ele havia sonhado, só que viradas do avesso: voando para jogar fogo na própria gente. E que ele tinha então se levantado da cama, atravessado o quarto com a pouca força que lhe restava, e fechado a janela. Devagar. Para não ver mais. E não a abriu nunca mais.

Severino não sabia se aquilo era verdade ou conversa de homem com medo na hora de morrer. Mas a imagem ficou nele: o velho, a janela, o mar, o gesto de fechar para não ver. Anos depois ainda ia pensar nisso, em noites em que não conseguia dormir. Por ora, só corria,

e a janela fechada do velho inventor era só mais uma coisa que ele carregava no escuro junto com o livro, sem saber o peso de nenhuma das duas.

A boca do outro lado começou a clarear. Não muito — um cinza dentro do preto, a promessa de fim de túnel, a serra de Minas do lado de lá. Severino apertou o passo. As pernas já não eram dele; eram dois animais cansados que ele empurrava para a frente pela vontade. O ar de fora veio antes dele, frio, com cheiro de mato molhado, limpo do cheiro doce e errado, e foi como mergulhar a cara num riacho. Mais dez passos. Cinco. O livro mordendo as costelas dele de tão apertado.

E então ele saiu.

Saiu do túnel para a noite aberta, para a neblina baixa que cobria os trilhos como leite, para o silêncio de mato que existe no exato lugar onde a guerra ainda não chegou. Não parou. Atravessou os trilhos, jogou-se na mata da encosta, e a mata o engoliu inteiro, o vulto magro dobrado sobre o livro. Por um instante a gente ainda vê o branco da neblina se fechando atrás dele, e depois nem isso.

Severino some no escuro do outro lado.

E some também da nossa história. Não porque tenha morrido naquela noite. Não morreu, e fez bem, porque sem ele não haveria nada do que vem depois. Some porque, a partir daqui, ele vai guardar aquele livro como quem guarda um segredo que não entende, vai envelhecer com ele, vai se trancar com ele, e o livro vai dormir. Vão se passar sessenta e sete anos até alguém abrir aquele livro de novo.

Sessenta e sete anos. Uma vida inteira cabe aí dentro, e coube: a de Severino, do menino de boina ao velho que a cidade ia chamar de maluco. Cabem guerras que terminaram e foram esquecidas, moedas que valeram tudo e depois nada, um país que mudou de cara tantas vezes que perdeu a conta. Cabe o tempo de uma criança nascer, crescer, ter filhos, e os filhos crescerem também. Tudo isso vai passar por cima daquele livro de couro fechado, no escuro, esperando.

Quando alguém abrir de novo, vai ser outro garoto.

Mas isso é daqui a muito.

Por ora, deixe o menino correr.

Capítulo 1 — A última refeição numa casa sem móveis

A família Dias jantava sentada no chão porque já não havia mesa.

Sessenta e sete anos depois do menino que correu pelo túnel, do outro lado do estado, era assim que se jantava naquela casa: no chão, em roda, com a louça sobre o jornal.

Não por escolha, que ninguém janta no chão por escolha. A mesa tinha ido embora na semana anterior, junto com o sofá, as estantes, a cômoda do casal e a televisão de tubo que pesava tanto que precisou de dois homens para descer a escada. Tudo vendido, ou quase dado, naquele jeito apressado de quem vende não pelo preço, mas pela pressa. Sobrara o que ainda ia caber no caminhão: caixas de papelão pelos cantos, três colchões enrolados feito charutos, e a louça embrulhada em jornal de domingo. Era nesse jornal, aliás, que estava escrito por que a família Dias jantava no chão: em letras grandes na primeira página, uma moeda chamada Real que tinha desabado e levado junto um monte de coisa. Mas ninguém leu o jornal. Usaram para embrulhar os pratos, que era o que dava para fazer com ele.

— A última pizza desta casa — anunciou Joaquim, abrindo a caixa no meio do círculo. — Aproveitem. Onde a gente vai, pizza é coisa de festa.

Era mentira boa, dessas que pai diz para a coisa parecer aventura e não desgraça. Percival sabia que era mentira. Mas pegou a fatia e não disse nada, porque às vezes deixar o pai mentir é a coisa mais gentil que um filho pode fazer.

Joaquim Dias tinha quarenta e dois anos e parecia ter mais. Era engenheiro. Fora engenheiro, é mais justo dizer, porque havia meses que não engenhava coisa nenhuma além de bicos: um cálculo aqui, um orçamento ali, um favor de um amigo que também estava por um fio. Ironia das ironias, a cidade para onde iam tinha como maior indústria uma fábrica de vagões de trem, e chegava ali um engenheiro de mãos vazias. Joaquim sabia disso e não comentou. Já tinha batido naquela porta por carta, uma vez, meses antes, e a porta não respondera. O cansaço dele não era o de quem trabalhou demais, e sim o de quem procurou demais sem achar, que é pior, porque o sono não tira. Dormia oito horas e acordava do mesmo jeito que tinha deitado, com aquela coisa pendurada nos ombros, e tomava café olhando a parede como quem espera que a parede diga alguma coisa.

Do lado dele, Cecília comia devagar e olhava os três filhos um por um, fazendo a conta que mãe faz sem nunca dizer que está fazendo. Não a conta da pizza. A outra. A das moedas.

Porque mais cedo, naquele dia, Cecília tinha esvaziado o pote de vidro que ficava em cima da geladeira, o pote do troco, o pote do "depois a gente vê", e contado tudo na mesa da cozinha, que ainda existia naquela hora. Moedas de dez, de vinte e cinco, empilhadas em torrinhas. Fez de conta que estava arrumando, mas estava contando, e Percival, passando com

uma chave de fenda na mão, parou no vão da porta. A mãe tinha uma moeda presa debaixo do polegar contra a mesa. Olhava para ela. Não a empilhava, não a soltava: só apertava o polegar em cima, como quem segura uma coisa que quer voar. Demorou assim mais do que se demora numa moeda de dez centavos. Depois varreu as torrinhas para dentro do bolso do avental, sem dizer quanto deu, e ele seguiu andando, como se não tivesse visto nada — porque era o que ele sempre fazia com as coisas que via e que não devia: guardava para si.

Mais tarde, quando os passos de Joaquim chegaram pelo corredor, foi Cecília quem juntou as torrinhas antes dele entrar. Varreu-as com a mão para dentro do avental, depressa, sem ruído, e quando Joaquim apareceu na porta da cozinha a mesa estava limpa, e a mulher dele estava lavando um copo que já estava lavado. Ele não viu as moedas. Ela fez questão de que ele não visse. Recolhia a tristeza antes que ela tropeçasse em quem amava, o dia inteiro, calada, e ninguém na casa sabia que estava sendo carregado por ela.

Percival tinha quinze anos, óculos que viviam tortos de um lado (não porque estivessem quebrados, mas porque ele os empurrava o dia inteiro com o nó do dedo e tinha entortado a haste para sempre), e um talento perigoso para resolver as coisas sozinho. Perigoso porque ninguém percebia que era um problema. Pelo contrário: todo mundo achava ótimo. "O Percival dá conta", diziam os adultos, com aquele alívio de quem encontrou onde descansar um peso. Precisa montar o guarda-roupa? Chama o Percival. O chuveiro parou? O Percival sabe. E o Percival sabia mesmo, quase sempre, e quando não sabia ele descobria, fechado no quarto, sem pedir ajuda a ninguém, porque pedir ajuda parecia uma forma de confessar que ele não bastava. E Percival precisava bastar. Era a única coisa que ele tinha certeza de saber fazer.

Naquela tarde, ele tinha desmontado a própria cama.

Os outros desmontaram suas camas do jeito que a gente desmonta cama: tira o colchão, afrouxa os parafusos, encosta as tábuas na parede, pronto. Percival não. Percival separou os parafusos por tamanho em três potes de maionese vazios, etiquetou cada pote com fita crepe e caneta (CABECEIRA, ESTRADO, PÉS), enrolou as porcas em papel para não tilintarem na viagem, e amarrou as tábuas com um nó que tinha aprendido sozinho num livro e que não desamarrava nem que o caminhão capotasse. Levou o triplo do tempo. Ninguém pediu que fizesse assim. Mas, quando montasse de novo na casa nova, ia montar em vinte minutos, sem sobrar parafuso e sem faltar nenhum, e ninguém ia precisar ajudar. Era esse o ponto, sempre, com Percival: fazer de um jeito que não precisasse de ninguém depois.

— Comeu pouco — disse Cecília, do outro lado do círculo, olhando o prato dele.

— Comi normal.

— Comeu pouco.

— Tô bem, mãe.

Ela não insistiu. Mas empurrou, sem fazer barulho, a última fatia para o lado dele, e Percival pegou, porque com a mãe a gentileza não era deixar mentir; era deixar cuidar.

Quem comia bastante, e falava ainda mais, era Alice.

Alice tinha oito anos e uma teoria sobre quase tudo. Naquela noite, entre uma mordida e outra, ela estava ocupada com a tarefa que tinha inventado para si mesma desde que a mudança começou: despedir-se da casa cômodo por cômodo, em voz alta, formalmente, como se a casa pudesse ouvir e fosse ficar magoada se ela esquecesse algum.

— Tchau, sala — disse ela, virando-se para a sala vazia, onde antes havia o sofá. — Você foi uma boa sala. Desculpa a vez que eu derramei suco no tapete e falei que foi o Percival.

— Foi você? — Percival ergueu a cabeça.

— Já pedi desculpa pra sala, não vou pedir pra você também.

Joaquim riu. Foi um riso curto, mas foi um riso, e Cecília o pegou de canto de olho, do jeito que a gente registra uma coisa rara para guardar.

Alice colecionava palavras. Essa era a outra coisa dela, a principal, embora ninguém em casa achasse que fosse grande coisa. Onde outras crianças colecionavam figurinhas ou tampinhas, Alice colecionava palavras compridas, bonitas, difíceis, que pescava na televisão ou na rua e levava para casa como quem leva um bicho achado, para criar. Anotava cada uma num caderninho, com a letra ainda redonda de quem aprendeu a escrever faz pouco, e do lado o que ela achava que a palavra queria dizer, que às vezes acertava e às vezes era melhor que o certo. *Melancólico*, tinha anotado uma vez: *triste mas bonito, tipo música de domingo à tarde*. Naquela semana a palavra nova era *inóspito*, pescada de um documentário sobre desertos, e que andava usando para tudo.

Tinha tentado mostrar a palavra ao pai mais cedo, abrindo o caderninho no meio do aperto da mudança, *pai, olha que palavra eu achei*, e Joaquim, que estava com a cabeça em três horas de estrada e em todas as contas do mundo, tinha dito *agora não, Alice*, sem nem olhar o caderno. Não foi maldade. Foi só um homem cansado. Mas é assim que se ensina a uma menina, sem querer, que as coisas que ela acha não interessam a ninguém. Alice fechou o caderninho e foi guardar a palavra sozinha. *Agora não*, tinha ouvido. Anota-se uma porta dessas baixinho, e segue.

— A casa nova é inóspita? — perguntou ela, mastigando.

— A casa nova — disse Joaquim, e a voz dele mudou um pouquinho, de um jeito que só Cecília e Percival pegaram — a casa nova é grande. Tem quintal. Tem até um quintal a mais, nos fundos.

— Mas é inóspita?

— Não sei, Alice. Faz tempo que eu não vou lá.

Ninguém comeu por um tempo. Joaquim olhava a caixa de pizza. Cecília olhava Joaquim. Percival mastigou devagar uma fatia que já não tinha pressa de acabar, e a casa vazia em volta dos quatro devolveu o silêncio deles ampliado, sem sofá nem tapete nem cortina para abafar.

Havia uma coisa enterrada naquela mudança, e era para lá que estavam indo.

A casa nova não tinha nada de nova. Era velha, velhíssima, e ficava numa cidade pequena chamada Cruzeiro, encravada entre montanhas a três horas de São Paulo, e tinha sido do pai de Joaquim, do avô que os meninos quase não conheceram, um tal de Severino, que morreu sozinho e que a cidade inteira, segundo Joaquim deixava escapar de vez em quando, chamava de o velho maluco. Era a última carta na manga da família. Não havia dinheiro para alugar nem para comprar, não havia dinheiro para quase nada. Mas havia, no interior, uma casa que era deles, de graça, fechada havia anos, esperando. Quando a vida aperta a esse ponto, uma casa de graça é a coisa mais parecida com sorte que existe.

Só que Joaquim não falava daquela casa como quem fala de sorte. Falava como quem fala de uma coisa que precisa ser feita, igual a uma cirurgia. E os filhos, mesmo sem entender, sentiam isso na voz dele, e não perguntavam muito.

— Você cresceu lá, pai? — arriscou Alice, que não tinha o radar dos mais velhos para os silêncios.

— Cresci.

— E era inóspita?

Joaquim olhou para a filha, e por um segundo pareceu que ia mentir de novo, a da aventura. Mas devia estar cansado demais até para isso, porque o que saiu foi mais perto da verdade do que ele costumava deixar sair na frente das crianças.

— Era uma casa com um homem dentro que quase não falava comigo — disse ele. — Meu pai ficava o dia inteiro trancado num galpão no fundo do quintal. Uma edícula. Tinha uma porta, e essa porta vivia fechada, e a gente não podia entrar. Eu cresci passando por ela todo dia pra ir pra escola e voltar, e nunca, nem uma vez, eu entrei.

— Por quê?

— Porque ele dizia que estava inventando uma coisa. — Joaquim deu de ombros, mas foi um dar de ombros pesado. — Uma coisa que ia mudar o mundo, ele dizia. Passou a vida inteira lá dentro, mudando o mundo, e o mundo nem ficou sabendo. Quando ele morreu, abriram a porta, e dentro só tinha tralha. Lousa cheia de conta. Engenhoca quebrada. Coisa de velho que ficou sozinho tempo demais.

Ele parou. Percival tinha largado a fatia e estava ouvindo com uma atenção que não dava ao resto das coisas. Tralha, lousa cheia de conta, engenhoca quebrada eram, por acaso, exatamente as palavras que faziam o coração dele bater diferente, embora jamais fosse admitir isso na frente do pai naquele momento.

— Tem medo de voltar lá? — perguntou Percival, e a pergunta saiu mais direta do que ele queria.

Joaquim olhou para o filho. Houve um instante em que pai e filho se mediram por cima da caixa de pizza vazia, dois homens da mesma família separados por vinte e sete anos e por aquele tema enterrado, e Cecília, que conhecia o marido melhor do que ele se conhecia, segurou a respiração sem que ninguém notasse.

— Não tenho medo de casa — disse Joaquim, enfim, escolhendo as palavras como quem pisa em pedra de rio. — Casa é casa. Não tem nada lá que assuste.

O que era verdade, e era mentira, do jeito que as coisas que machucam de verdade costumam ser as duas ao mesmo tempo. Não tinha fantasma na casa do avô; Joaquim sabia disso melhor que ninguém. O que tinha era pior que fantasma, porque fantasma some quando acende a luz, e lembrança não. A casa estava cheia até o teto de lembrança de um menino que cresceu do lado de fora de uma porta, querendo entrar, e nunca foi convidado. Voltar para lá, com quarenta e dois anos e os bolsos vazios, era voltar para o lado de fora daquela porta. Joaquim ainda não tinha palavras para isso, e baixou os olhos para a caixa vazia como quem fecha uma porta por dentro.

— Acabou a pizza — anunciou Alice, que tinha o dom de quebrar os silêncios pesados na hora certa, sem saber que estava fazendo um favor a todo mundo. Levantou-se, sacudiu as migalhas do vestido, e foi até a porta da cozinha. — Tchau, cozinha. Você foi a melhor de todas, porque era onde tinha comida.

E foi assim, de cômodo em cômodo, despedindo-se da casa em voz alta, enquanto a noite caía sobre São Paulo.

Antes de dormir, porém, houve a história do testamento, que vale a pena contar, embora naquela noite ninguém na família lhe desse a menor importância.

Joaquim estava encostado na parede, no escuro, sem sono, porque o cansaço que o sono não cura tem dessas crueldades, quando Cecília se chegou e perguntou baixinho, para não acordar os meninos, a coisa que vinha remoendo a semana inteira.

— Você nunca me explicou direito. Por que essa casa não pôde ser vendida quando o velho morreu? A gente bem que precisava do dinheiro, naquele tempo.

— Por causa do testamento — disse Joaquim. — O velho deixou tudo amarrado. A casa não podia ser vendida. Nunca. Por ninguém. Só podia ser morada por alguém da família.

— Que coisa estranha.

— Excentricidade de velho. — Joaquim deu de ombros no escuro. — A gente quebrando, e lá estava uma casa que não dava pra vender, parada, juntando teia. Fiquei com raiva, na época. Parecia maldade.

Cecília não respondeu logo. Ela tinha um jeito de mexer numa ideia por todos os lados antes de pôr na mesa.

— E se não fosse maldade? — disse, afinal. — E se ele quisesse que vocês voltassem? Joaquim soltou um meio riso, sem graça.

— Voltar pra quê, Ceci? Não tem nada lá.

E virou para o lado, e fechou os olhos, e foi dormir o sono que não descansava.

E aqui é a gente que precisa entrar, porque os dois estavam errados, cada um do seu jeito, e a verdade ficava bem no meio dos dois, num lugar que nenhum dos dois ia alcançar tão cedo.

Não era maldade, como achava Joaquim. Mas também não era só saudade de pai querendo o filho perto, como sonhava Cecília. O velho Severino tinha amarrado aquele testamento com uma precisão que não era de excêntrico coisa nenhuma. Era de quem sabia exatamente o que estava fazendo e não tinha a quem contar. Por que, isso ele levou consigo.

O que parecia herança era outra coisa. Era um posto, desses que se passam de uma geração à outra junto com o sobrenome, sem que ninguém assine nada nem combine nada. O velho Severino estava passando o seu adiante. Só não avisou.

Joaquim ia entender isso um dia. Faltava ainda muito.

Por ora, dormiu.

De manhã chegou o caminhão. Dois homens suados subiram e desceram a escada a tarde inteira, e as caixas etiquetadas de Percival, e os colchões enrolados, e a louça no jornal, e os três potes de maionese com os parafusos da cama foram engolidos um a um pela boca daquele caminhão, até a casa ficar tão vazia que o eco dos passos mudou de som. Alice fez a última ronda, despedindo-se até dos cantos que não eram cômodo nenhum: tchau, corredor;

tchau, lugar atrás da porta onde eu me escondia. Cecília passou a chave na fechadura de uma casa que não era mais deles. O caminhão partiu primeiro, levando a vida da família empilhada na carroceria, e atrás dele foi o carro dos Dias, o velho sedã que ainda resistia, mais ferrugem que tinta: Joaquim ao volante, Cecília calada no banco da frente, e atrás, um em cada janela, Percival e Alice. Joaquim ligou o motor, entrou na rua e foi seguindo o caminhão de longe.

A cidade grande passou pela janela, devagar primeiro, depois mais rápido, os prédios cedendo lugar a galpões, os galpões a postes, os postes ao verde. Percival, no banco de trás, virou o rosto para a janela e viu São Paulo inteira encolher do outro lado do vidro: a cidade onde ele tinha nascido, a escola, os dois amigos que ele tinha e que não eram bem amigos, a casa onde aprendera a desmontar tudo sozinho. Viu tudo isso ficar do tamanho de um selo e depois sumir numa curva.

Ele não disse nada. Ninguém disse. Lá na frente o caminhão subia para o interior, e o carro dos Dias subia atrás dele, para uma cidade entre montanhas, para uma casa fechada havia anos com uma porta trancada no fundo do quintal.

Iam buscar uma herança. O que os esperava ali não tinha esse nome — mas para descobrir o nome certo ainda faltava muito, e por ora era só estrada, e o caminhão sumindo na curva lá na frente, e os Dias subindo atrás.